

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A União Europeia dos Relatórios: Quando Bruxelas Confunde Papel com Poder

Publicado em 2026-06-12 18:33:50



BOX DE FACTOS

- A União Europeia aprovou regras de transparência para conteúdos gerados ou manipulados por inteligência artificial.
- O artigo 50 do AI Act prevê obrigações de marcação, detecção e rotulagem de certos conteúdos gerados

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

para apoiar a aplicação dessas obrigações de transparência.

- O Tribunal de Contas Europeu criticou a gestão da Comissão no recurso a consultores externos, apontando riscos de dependência, conflitos de interesse e fraca avaliação de valor.
- A própria Comissão afirma querer simplificar a regulação e reduzir encargos administrativos, enquanto continua a produzir camadas sucessivas de relatórios, guias, códigos, avaliações e pareceres.

A União Europeia dos Relatórios: Quando Bruxelas Confunde Papel com Poder

A União Europeia quer classificar, rotular e detectar conteúdos produzidos por inteligência artificial. Talvez devesse começar pela sua própria produção monumental de relatórios, estudos, códigos de prática, pareceres, avaliações, folhas estratégicas e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A União Europeia tem uma qualidade notável: perante qualquer problema novo, não pergunta primeiro “como resolvemos?”. Pergunta “que grupo de trabalho constituímos?”. Depois nasce uma consulta pública, seguida de um relatório preliminar, uma avaliação de impacte, uma recomendação, uma directiva, um código de prática, um calendário de implementação, um mecanismo de acompanhamento e, se ainda houver oxigénio na sala, uma conferência sobre simplificação administrativa.

A inteligência artificial, naturalmente, não escapou a este tratamento litúrgico. A União Europeia decidiu que certos conteúdos produzidos ou manipulados por IA devem ser marcados, detectados e rotulados. Em princípio, a preocupação é legítima. Deepfakes, manipulação política, falsificação de voz, imagem ou vídeo, fraude digital e desinformação automatizada são riscos reais. Uma sociedade livre não pode viver num nevoeiro permanente onde já ninguém sabe se está a ver uma pessoa, uma simulação ou uma campanha de influência disfarçada de espontaneidade popular.

Mas depois entra a máquina europeia. E quando a máquina europeia entra, uma boa ideia sai frequentemente vestida de formulário. A transparência, que deveria proteger

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

auditoria para justificar a auditoria anterior.

Bruxelas descobriu a IA como antes descobriu a concorrência, a energia, a agricultura, a privacidade, a sustentabilidade e a inovação: com uma mistura de medo, moralismo e vontade irresistível de regulamentar a respiração do futuro. É quase enternecedor, se não fosse caro, lento e muitas vezes contraproducente.

A transparência não é o problema

Convém ser justo. A transparência em matéria de inteligência artificial é necessária. Se um vídeo mostra uma figura pública a dizer algo que nunca disse, deve ser identificado como manipulação. Se uma voz é clonada para enganar cidadãos, deve haver responsabilidade. Se um texto político, uma imagem de guerra ou uma declaração institucional forem fabricados por IA e apresentados como realidade directa, isso deve ser denunciado.

O problema não está na intenção. Está na obsessão europeia por transformar cada intenção razoável numa arquitectura burocrática tão pesada que acaba por esmagar a própria inovação que pretende civilizar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

substitui indevidamente juízo humano? cria dano público?

Porque há textos humanos profundamente falsos, manipuladores, inúteis e intelectualmente mortos. E há textos assistidos por IA que são claros, honestos, úteis e responsáveis. A ferramenta não é o pecado. A irresponsabilidade é que é.

Mas a burocracia adora categorias simples. “Produzido por IA” parece-lhe uma etiqueta confortável. Poupa o esforço de pensar. E se há coisa que uma grande máquina administrativa aprecia, é substituir julgamento por classificação.

Comecem pelos vossos próprios relatórios

Se a União Europeia quer mesmo classificar conteúdos gerados por IA, talvez devesse começar por olhar para a sua própria produção documental. Não porque tudo o que sai de Bruxelas seja inútil. Não é. Há trabalho técnico sério, dados valiosos, estudos importantes e legislação necessária. O problema é outro: a União Europeia transformou a produção de documentos numa forma de existência política.

Relatórios sucedem-se a relatórios. Estudos justificam estudos. Consultores avaliam programas desenhados por

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

documental.

A etiqueta honesta para muita desta produção deveria ser:

“Este documento foi produzido por uma combinação de prudência institucional, consultoria externa, linguagem tecnocrática, medo de decidir e convicção profunda de que nenhuma realidade deve ser enfrentada antes de ser traduzida para PDF.”

A Europa fala de inteligência artificial, mas muitas vezes comunica como se tivesse sido treinada num arquivo morto. A sua língua institucional é uma espécie de nevoeiro polido: “quadros de referência”, “mecanismos facilitadores”, “abordagens coordenadas”, “ecossistemas resilientes”, “processos participativos”, “avaliações de adequação”, “instrumentos de implementação”. Tudo correcto, tudo ponderado, tudo esterilizado. Uma prosa tão segura que raramente corre o risco de dizer alguma coisa.

A tragédia é que a Europa precisa desesperadamente de clareza, energia, velocidade e coragem. Precisa de indústria, defesa, tecnologia, semicondutores, inteligência artificial,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O império dos consultores

O Tribunal de Contas Europeu já chamou a atenção para o uso extensivo de consultores externos pela Comissão Europeia. Segundo esse relatório, a Comissão contratava cerca de mil milhões de euros por ano em serviços de consultoria, estudos, avaliações e investigação entre 2017 e 2020. O problema não é recorrer a conhecimento externo. Isso pode ser necessário e útil. O problema é quando o recurso a consultores se torna hábito estrutural, dependência funcional e substituto de capacidade interna.

A Europa parece ter criado uma economia paralela da consultoria institucional: empresas que estudam políticas, avaliam programas, desenham metodologias, medem impactes, produzem recomendações e depois regressam, anos mais tarde, para avaliar os resultados das recomendações anteriores. É um ciclo de vida perfeito. Para os consultores, naturalmente.

A Comissão paga. Os consultores escrevem. Os decisores citam. Os parlamentos recebem. Os cidadãos ignoram. E o mundo continua a avançar, bastante indiferente à densidade tipográfica da governação europeia.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

consenso textual. É uma forma elevada de civilização, se o objectivo for perder o século com excelente formatação.

Regular antes de produzir

A grande doença europeia não é regular. A regulação pode ser uma força civilizadora. Protege consumidores, trabalhadores, dados pessoais, ambiente, concorrência e direitos fundamentais. A Europa fez muito bem em afirmar valores numa economia global frequentemente entregue ao abuso, à vigilância comercial e ao capitalismo predatório.

A doença está em regular antes de produzir, regular sem escala industrial, regular sem soberania tecnológica, regular sem capacidade própria, regular como se o simples acto normativo substituísse a ausência de músculo económico.

A Europa quer regras para inteligência artificial, mas não tem líderes globais equivalentes aos grandes laboratórios americanos ou chineses. Quer soberania digital, mas depende de plataformas estrangeiras. Quer transição energética, mas depende de matérias-primas, painéis, baterias, semicondutores e cadeias industriais que muitas vezes não controla. Quer defesa europeia, mas passa anos a discutir projectos comuns enquanto compra equipamento fora e tropeça em rivalidades nacionais.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Europa tornou-se exímia a escrever sobre o que devia ser. Menos exímia a construir aquilo que precisa de existir.

A etiqueta não substitui a responsabilidade

Classificar conteúdos produzidos por IA pode ser útil em situações concretas. Mas a etiqueta não substitui responsabilidade editorial, transparência de autoria, verificação factual, literacia mediática e sanções reais para quem manipula.

Pior: uma obsessão pela etiqueta pode criar uma falsa sensação de segurança. Um conteúdo marcado como “gerado por IA” pode ser verdadeiro, útil e honesto. Um conteúdo não marcado pode ser humano e completamente falso. A mentira não nasceu com os modelos de linguagem. Nasceu provavelmente poucos minutos depois da primeira conversa humana, quando alguém descobriu que podia culpar o vento pela cabra desaparecida.

O critério central deve ser a responsabilidade. Quem publica responde pelo que publica. Quem manipula responde pela manipulação. Quem usa IA para enganar deve ser punido. Quem usa IA como ferramenta de escrita, análise, tradução, revisão ou criação não deve ser tratado como infractor moral.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

competente. O conteúdo, esse detalhe aborrecido, vem depois.

A burocracia como substituto da acção

O maior problema da União Europeia não é produzir relatórios. O problema é quando o relatório se torna substituto da acção. Quando uma estratégia substitui uma fábrica. Quando uma directiva substitui uma tecnologia. Quando uma consulta substitui uma decisão. Quando um código de prática substitui capacidade industrial. Quando um painel de peritos substitui coragem política.

A Europa precisa de pensamento, sim. Precisa de regulação, sim. Precisa de estudos, dados e prudência. Mas precisa ainda mais de execução. De decidir. De construir. De investir. De proteger as suas cadeias produtivas. De reduzir dependências. De fazer escolhas estratégicas. De aceitar que o futuro não espera pela versão final do relatório.

A burocracia europeia tornou-se uma espécie de religião civil: acredita que tudo o que é nomeado, classificado, consultado e avaliado passa a estar parcialmente resolvido. Mas a realidade tem o péssimo hábito de não obedecer a documentos. A realidade exige energia, fábricas, engenheiros, empresas, capital, investigação aplicada,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O papel é necessário. Mas não solda aço, não escreve código sozinho, não lança foguetões, não fabrica baterias, não treina modelos, não protege fronteiras, não constrói soberania. O papel descreve. A acção transforma.

Uma Europa que se protege de si própria

Há na União Europeia uma grandeza que não deve ser desprezada. A paz, o mercado interno, a cooperação, a protecção de direitos, a circulação de pessoas, a exigência ambiental e a ambição democrática são conquistas reais. Mas há também uma fraqueza crescente: a incapacidade de converter valores em poder, princípios em capacidade, diagnósticos em execução.

A Europa quer ser farol moral, regulador global, potência climática, actor geopolítico, espaço tecnológico, defensor da democracia e campeã da inovação responsável. Tudo ao mesmo tempo. Mas muitas vezes comporta-se como uma administração de condomínio continental, preocupada em saber se a acta foi aprovada por maioria qualificada antes de reparar o telhado.

A inteligência artificial é apenas o mais recente espelho desta contradição. Em vez de perguntar como criar modelos europeus competitivos, infra-estruturas de computação,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Não é que essas perguntas sejam inúteis. É que, sozinhas, revelam uma civilização mais preparada para regular o futuro dos outros do que para construir o seu.

O relatório final sobre o relatório anterior

Talvez um dia a União Europeia publique o relatório definitivo sobre a sua própria produção de relatórios. Um documento robusto, multilingue, com anexos, indicadores, matriz de riscos, quadro metodológico, avaliação independente, consulta pública, revisão intercalar e recomendação para criação de um Observatório Europeu da Proliferação Documental.

A conclusão será provavelmente prudente: “foram identificadas oportunidades de melhoria no ecossistema de produção documental, recomendando-se uma abordagem coordenada, proporcional, inclusiva e orientada para resultados.”

Traduzindo para linguagem humana: ninguém sabe ao certo quantos relatórios mudaram alguma coisa, mas todos concordam que seria útil fazer outro.

É esta a comédia trágica da burocracia europeia. Não é falta de inteligência. Há inteligência em Bruxelas. Há

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

em labirinto e responsabilidade em dispersão.

Conclusão: menos papel, mais poder

A União Europeia precisa de continuar a defender direitos, transparência e responsabilidade tecnológica. Mas precisa de abandonar a ilusão de que cada risco novo se resolve com mais uma camada de procedimentos. A Europa não será salva por etiquetas. Nem por relatórios. Nem por consultorias. Nem por códigos de prática redigidos com a delicadeza emocional de um manual de instalação de impressora.

Será salva, se ainda for, por uma combinação rara de valores e poder: liberdade e indústria; direitos e tecnologia; regulação e capacidade; ambiente e produção; prudência e velocidade; ética e execução.

A inteligência artificial deve ser regulada. Mas também deve ser desenvolvida. A transparência deve existir. Mas não deve tornar-se fetiche burocrático. Os conteúdos manipulados devem ser identificados. Mas a autoria humana, assistida por ferramentas, não deve ser tratada como contaminação.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

relatórios que alimentaram consultores, relatórios que geraram novos relatórios e relatórios que talvez tenham servido apenas para provar que a Europa ainda sabe escrever muito enquanto faz pouco.

A Europa não precisa de menos pensamento. Precisa de menos papel inútil. Precisa de menos liturgia documental. Precisa de menos medo de decidir. Precisa de mais capacidade, mais soberania, mais coragem e mais acção.

Porque no século XXI não vencerá quem melhor rotular o futuro. Vencerá quem o souber construir.

REFERÊNCIAS

- Comissão Europeia, [Code of Practice on Transparency of AI-Generated Content](#).
- Comissão Europeia, [Second Draft of Code of Practice on Marking and Labelling of AI-generated content](#).
- Tribunal de Contas Europeu, [External consultants at the European Commission: Scope for reform](#).
- Comissão Europeia, [Better Regulation](#).
- Comissão Europeia, [Annual Burden Survey](#).

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma reflexão crítica sobre a burocracia europeia, a inteligência artificial, a produção monumental de relatórios e a estranha tendência de confundir regulação com capacidade.

A Europa não falha por falta de inteligência. Falha quando transforma inteligência em procedimento e procedimento em destino. A Europa quer regular o futuro antes de o conseguir fabricar e isso torna-a à partida obsoleta.

- Francisco Gonçalves

NOTA EDITORIAL

A transparência sobre conteúdos manipulados por inteligência artificial é necessária. Ninguém sério deve defender que deepfakes, vozes clonadas, imagens fabricadas ou propaganda sintética circulem como se fossem realidade. A mentira tecnológica continua a ser mentira, apenas vem agora com melhor resolução e menos vergonha.

Mas outra coisa muito diferente é transformar qualquer conteúdo assistido por IA numa peça

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mas na intenção, na veracidade, na responsabilidade e no eventual dano causado.

Um texto humano pode ser falso, sectário, medíocre, manipulador ou intelectualmente morto. Um texto assistido por IA pode ser rigoroso, criativo, assinado, revisto e responsável. A autoria moral não pertence ao teclado, ao processador de texto, ao corrector ortográfico ou ao modelo de linguagem. Pertence a quem publica e assume o conteúdo.

O perigo está em criar uma nova forma de censura suave: não a proibição frontal, demasiado grosseira para os tempos modernos, mas a marcação subtil, a despromoção algorítmica, a suspeição cultural, a redução de alcance, o aviso paternalista. Ontem era o politicamente correcto a estreitar o campo do dizível. Amanhã poderá ser o “tecnologicamente correcto” a decidir que certos textos, por terem usado IA, merecem menos confiança, menos visibilidade e menos legitimidade.

A regra justa deveria ser simples: conteúdos falsificados ou manipuladores devem ser identificados; quem engana deve responder; quem publica deve assumir responsabilidade. Mas quem usa IA como

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

quando é proibida. Morre também quando é etiquetada, condicionada, empurrada para baixo e administrada por sistemas opacos em nome da segurança, da confiança ou da protecção do público.

A Europa deve proteger os cidadãos da manipulação. Mas deve proteger também a liberdade contra a sua velha tentação burocrática: a de transformar toda a inovação numa licença, toda a criatividade numa categoria de risco e toda a palavra livre num objecto a classificar.

Porque também sabemos bem, o quanto o "politicamente correcto" tem feito para combater a verdade e o contraditório, tão necessários a uma democracia respeitável.

A democracia vive da tensão entre ideias, não da sua desinfecção prévia. Quando se substitui o debate por etiquetas, sejam elas morais, políticas ou tecnológicas, a verdade deixa de ser procurada e passa a ser administrada. E isso é perigosíssimo. Hoje diz-se: “não é aceitável dizer isto.” Amanhã dir-se-á: “não é confiável porque foi assistido por IA.” Depois virá: “não deve circular porque pode ser mal interpretado.”

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

confronto, erro, correcção e coragem. Sem contraditório, só sobra catecismo. E catecismos, sejam religiosos, políticos, económicos ou tecnológicos, servem sempre melhor o poder do que a verdade.

- Francisco Gonçalves (2026)

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)